



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8217 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 17 - Filosofia da Educação

PHARMAKON E CONVERSÃO: UM MARCO CATEGORIAL DO ENSINO DE FILOSOFIA

Allan da Silva Coelho - UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

PHARMAKON E CONVERSÃO: UM MARCO CATEGORIAL DO ENSINO DE FILOSOFIA

Haveria elementos para constituir um certo paradigma ético-mítico de “plano inclinado” que articula a compreensão de educação, de antropologia e de utopia (como estrutura racional em relação dialética com projetos de sociedade)? Nossa chave de interpretação apoia-se na concepção de educação e de seus processos formativos que se define como *pharmakon* da alma, no duplo sentido de remédio e veneno, visando um processo de modificação do humano.

A partir da metodologia dialético-compreensiva (SOFIATI, 2018) pretende-se aprofundar o estudo do marco categorial (HINKELAMMERT, 2008) que, estruturando miticamente o horizonte de compreensão, concederia uma maneira de entender o ser humano, os projetos de sociedade e a educação, do qual depreendemos práticas de ensino. Refletiremos sobre o assunto a partir da possibilidade do ensino de Filosofia. Muitos afirmam que há na Filosofia valores formativos intrínsecos que participam da formação do Homem e do Cidadão: certo tipo de pensar caracteriza o humano como humano, além de fundamentar a cidadania. De que modo a ausência deste tipo de pensar des-humaniza, não torna plena ou subordina a condição humana?

Kant é o autor da resposta mais clássica no período moderno do pensamento europeu. Em “O que é o Esclarecimento?” (2015), afirma com a clareza das luzes que o estado de menoridade, como imaturidade da razão, corresponde a abdicação da moral e do necessário domínio da propensão ao mal. Isto não se dá por determinismo, nem por imposição de outrem, mas por subserviência, preguiça e covardia. O ser humano é culpado de sua menoridade. Neste estado, o humano é incapaz de usufruir daquilo que o qualifica como humano, que é uso autônomo da razão. Por isso, a educação é necessária, capaz de domar a selvageria do humano e transmitir alguma civilidade visando “um estado melhor, possível no futuro, isto é, segundo a ideia de humanidade e de sua inteira destinação” (KANT, 2011, p.22). Kant trata de todo o processo educativo, não apenas do ensino de Filosofia. De certo modo, o Iluminismo entende a Modernidade com projeto civilizacional de emancipação. A luz simboliza uma forma de pensar individual, em certa característica da razão, mas também o progresso, seja desenvolvimento técnico, científico ou individual, como aperfeiçoamento (COELHO, 2018).

Compreende-se como tarefa da ação educativa o **processo de saída** da menoridade em

busca da autonomia da razão e do pensamento crítico. Seria pelo esforço formativo-educacional que se constitui *verdadeiramente* humano. No ensino de Filosofia, muitas vezes transita-se das temáticas do Iluminismo para as teorias do conhecimento dos filósofos gregos do período socrático. Apenas para exemplificar, Jean-Michel Muglioni, em seu popular comentário sobre os textos kantianos, associa a necessidade de modificar a forma de pensar e o esclarecimento com o imperativo socrático do “conhece a ti mesmo” (MUGLIONI, 2015). Não é difícil que a interpretação da Alegoria da caverna de Platão possa ser mediada pelas concepções modernas da luz da razão. Sabemos que a ligação direta entre a concepção grega e a moderna supõe dificuldades metodológicas na formulação de um grande relato da história da Filosofia e da razão humana. Porém, alguns elementos da teoria de Platão sobre a natureza do conhecimento têm se repetido ao longo de teorias e contextos diferentes, por vezes, articulados de forma parecida. A ignorância como problema, a razão que supera ilusões, a sabedoria como saída de uma condição inferior em direção a outro modo de pensar e de viver. Entendemos a partir do horizonte de compreensão moderno elementos de outro contexto a partir de nossa plausibilidade? Ou temos alguma espécie de permanência de certa estrutura categorial? Ambas possibilidades encontram eco entre os filósofos.

No período chamado de Grécia Antiga, era possível identificar a Filosofia como *pharmakon* da alma, como um dos elementos da educação como processo formativo. Kohan, em um brilhante texto (2012), apresenta a dialética do significado de *pharmakon* como remédio e veneno. A alma está prisioneira da ignorância e o vício é decorrente de sua condição de separação da verdade. Não se age mal por deliberação, mas por confusão. *Pharmakon* teria três sentidos: é um **feitiço** (é feito por alguém especial), é **veneno** (dos rituais de sacrifício purificador) e **remédio**, pois cura a cidade e a pessoa, agora purificada. Para Jacques Derrida (1972), Platão distinguiria o sentido de veneno como negativo, aplicando-o aos sofistas, do remédio, positivo, aplicando-o aos filósofos. No entanto, na morte de Sócrates, os três sentidos se unem no *pharmakon* bebido.

Sócrates, como modelo de filósofo e de educador, tem na condenação à morte, uma síntese. Em Platão, o processo educativo confunde-se com a vocação da alma a se libertar do corpo. O verdadeiro processo formativo é o filosofar, que, ao mesmo tempo, é uma transformação profunda no modo de viver esta vida que impacta sobre toda a existência eterna. Supõe o esforço de libertação dos grilhões, da superação do muro que separa a verdadeira realidade das aparências, ser obrigado a subir um caminho íngreme e olhar a luz que ofusca, experimentar a dor da ascensão da alma da *doxa* para a *episteme*. A verdade é ofuscante e por isso confunde quem a conhece. Mas, produz um rápido acréscimo de saber que **modifica radicalmente** (converte) a compreensão da vida.

Essa problemática está presente nos trabalhos de Hadot (2019), mas também vislumbra seus elementos em autores como Brandão (1986) ou Pajares (2016) ao demonstrar como o orfismo influenciaria a estrutura da Filosofia grega, articulando antropologia, utopia e conceito de educação. A formação humana verdadeira é preparar-se para morrer. Há o dualismo do corpo e da alma, mas também entre os sábios e os ignorantes, entre um modo de vida e outro (DUSSEL, 1975). A ascese supõe gradativa transformação daquilo que a pessoa era em um novo estado de ser, no movimento de **saída** (da caverna ou do corpo).

Vislumbra-se a possibilidade de um marco categorial de origem mítica-religiosa que, reinterpretado na Modernidade, afirmaria o processo de ensino como uma saída/transformação no modo de ser humano. Tal marco categorial, estruturando o horizonte de compreensão, concede um formato de entender a educação, o ser humano e os projetos de sociedade, além de permitir pontos de similaridade com outras concepções filosóficas de educação e ensino de Filosofia. Ou então, poderíamos considerar que a Modernidade ocultou os elementos míticos-teológicos de paradigmas antigos e haveria certa permanência (e

descontinuidades) na concepção hegemônica em vigor. A crítica deste modelo suporia outras formas de pensar o processo formativo em geral e, especificamente, o ensino de Filosofia.

Palavras-chave: Marco categorial. Modos de vida. Conversão.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, J.S. *Mitologia Grega*. v.1. 2 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1986.

BERNABÉ PAJARES, A. (2016). *Fedón*, 69c: ¿por qué los βάρκοι son los verdaderos filósofos? *Archai*, n. 16, jan.-apr. 2016, p. 77-93.

COELHO, A. S. Horizontes de plausibilidade sob a crítica da Filosofia: Entre luzes, horrores e vítimas. *Reflexão e Ação*. S. Cruz do Sul, v. 26, p. 34-51, dez. 2018.

DERRIDA, J. *La Dissémination*. Paris : Seuil, 1972.

DUSSEL, E. *El humanismo helénico*. Buenos Aires: EBA, 1975.

HADOT, P. *La philosophie comme éducation des adultes*. Paris: VRIN, 2019.

HINKELAMMERT, F. *Hacia una crítica de la razón mítica*. México: Dríada, 2008.

KANT, I. *Sobre a Pedagogia*. 6. ed., Piracicaba: UNIMEP, 2011

KANT, I. *Qu'est-ce que les Lumières ?* Paris : Hatier, 2015.

KOHAN, W. O. "A filosofia e seu ensino como phármakon". *Educar em Revista*, Curitiba, n.46, dez/2012, Ed. UFPR, p.37-51.

MUGLIONI, *Repères philosophiques*. Paris : Ellipses, 2015.

SOFIATI, F; COELHO, A.S. e CAMILO, R.. Afinidades entre marxismo e cristianismo de libertação. *Trans-Form-Ação*, Marília, v. 41, p. 115-134, Dez. 2018.